



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

FLAINE KELLY FEITOZA RODRIGUES

**ROMPENDO AS FRONTEIRAS DE GÊNERO: UMA LEITURA DO
PROTAGONISMO FEMININO NA ANIMAÇÃO FILMICA *MOANA: UM MAR DE
AVENTURAS***

**MONTEIRO
2018**

FLAINE KELLY FEITOZA RODRIGUES

**ROMPENDO AS FRONTEIRAS DE GÊNERO: UMA LEITURA DO
PROTAGONISMO FEMININO NA ANIMAÇÃO FILMICA *MOANA: UM MAR DE
AVENTURAS***

Monografia apresentada ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção de grau de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira.

**MONTEIRO
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696r Rodrigues, Flaine Kelly Feitoza.

Rompendo as fronteiras de gênero [manuscrito] : uma leitura do protagonismo feminino na animação fílmica Moana: um mar de aventuras / Flaine Kelly Feitoza Rodrigues. - 2018.
48 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira. , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Moana: um mar de aventuras (Filme). 2. Mulher e Submissão. I. Título

21. ed. CDD 791.43

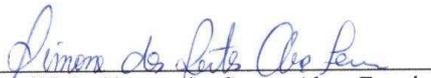
FLAINE KELLY FEITOZA RODRIGUES

**ROMPENDO AS FRONTEIRAS DE GÊNERO: UMA LEITURA DO
PROTAGONISMO FEMININO NO FILME *MOANA: UM MAR DE
AVENTURAS***

Monografia apresentada ao centro de licenciatura em letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção de grau de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em: 30/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

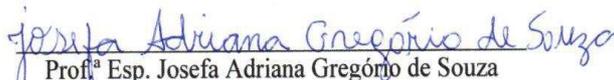


Prof.^a Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira.
(Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Esp. Ana Flávia da Silva Oliveira
Escola Técnica Arlindo Ferreira dos Santos



Prof.^a Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao que guia meus passos e me proporcionou a vida, Deus.

À minha mãe Josélia, que foi e sempre será a que me impulsiona a viver, fazendo com que tudo ganhe sentido e que eu não desista, por mais difícil que seja.

Ao meu pai José Rodrigues, que me proporcionou todo amor, cuidado e, acima de tudo confiança, acreditando que eu conseguiria.

Ao meu irmão Anderson, que me tem como exemplo. Vocês me incentivaram e são a razão de tudo.

Ao restante de minha família, em especial a minha tia Sueli e Carlos, nunca esquecerei o que vocês fizeram por mim.

Agradeço a Henrique por todo apoio e paciência durante esses anos e as minhas amigas, Eline e Mary, obrigada por me ouvirem e proporcionarem palavras amigas quando necessitei.

Não poderia também esquecer minha orientadora, Simone que foi um ser de luz em minha vida, me dedicando tempo e paciência. E as minhas colegas de turma e amigas para a vida, Joseilma, Suêrda, Michele, Larissa, Evelyn e Marisa, sem vocês eu não conseguiria.

Por fim, agradeço as professoras da banca Adriana e Ana Flávia pela arguição e atenção ao trabalho.

A todos e todas, muito obrigada por tudo!

“Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vidas especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.”

Simone de Beauvoir

RESUMO

Não é de hoje que a Disney encanta com seus filmes de princesas e príncipes. Em consequência dessa repercussão, há anos são desenvolvidas pesquisas sobre as representações femininas que esses filmes trazem, sendo que a grande maioria apresenta traços que inferiorizam a mulher. Pensando nesse aspecto, nos propusemos nesse trabalho analisar a representação feminina da protagonista no filme *Moana: um mar de aventuras* (2017) buscando mostrar como a ideia de princesa frágil e submissa, comum nos contos de fadas e em algumas adaptações da Disney, aparece resignificada no filme citado através da personagem principal: guerreira, inteligente e destemida, adjetivos esses, que contemplam a imagem da mulher contemporânea. Nosso intuito maior é observar quais características, atitudes e ações a personagem traz em contraposição às princesas clássicas e como podemos pensar isso a partir da questão de gênero. Para tal, nos baseamos nos estudos de D’Incão (2015), Breder (2013) e Scott (1995), para falarmos um pouco a respeito da mulher na sociedade, aspectos de submissão, lutas e conquistas feministas e de como isso refletiu nas princesas. No que se refere à resignificação do papel de princesa na contemporaneidade tomamos como aporte teórico as considerações de Fernandes (2015) e Aguiar (2015). Dessa forma nos deteremos a analisar as inovações que Moana traz no filme, referente à sua beleza, comportamento e inovação do aspecto romântico. Nesse sentido, Moana vai mostrar uma versão atualizada da mulher nessa representação, sendo ela forte, decidida, guerreira e dona do seu destino, mostrando-nos uma igualdade de gênero.

Palavras chaves: Representação feminina. Moana. Gênero.

RESUMEN

No es de hoy que Disney encanta con sus películas de princesas y príncipes. En consecuencia de esta repercusión, hace años se desarrollan investigaciones sobre las representaciones femeninas que esas películas traen, siendo que la gran mayoría presentan rasgos que inferiorizan a la mujer. En este sentido, nos propusimos en este trabajo analizar la representación femenina de la protagonista en la película Moana: un mar de aventuras (2017) buscando mostrar cómo la idea de princesa frágil y sumisa, común en los cuentos de hadas y en algunas adaptaciones de Disney, aparece en la película citada a través del personaje principal: guerrera, inteligente e intrépida, adjetivos que contemplan la imagen de la mujer contemporánea. Nuestra intención mayor es observar qué características, actitudes y acciones el personaje trae en contraposición a las princesas clásicas y cómo podemos pensar eso a partir de la cuestión de género. Para ello, nos basamos en los estudios de D'Incao (2015), Breder (2013) y Scott (1995), para hablar un poco acerca de la mujer en la sociedad, aspectos de sumisión, luchas y conquistas feministas y de cómo reflejó princesas. En lo que se refiere a la resignificación del papel de princesa en la contemporaneidad tomamos como aporte teórico las consideraciones de Fernandes (2015) y Aguiar (2015). De esa forma nos detendremos a analizar las innovaciones que Moana trae en la película, referente a su belleza, comportamiento e innovación del aspecto romántico. En ese sentido, Moana va a mostrar una versión actualizada de la mujer en esa representación, siendo fuerte, decidida, guerrera y dueña de su destino, mostrándonos una igualdad de género.

Palabras claves: Representación femenina. Moana. Género.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - EM BUSCA DE EMANCIPAÇÃO: PRINCESAS CLÁSSICAS VERSUS PRINCESAS CONTEMPORÂNEAS	13
1.1 Mulher e sociedade: a condição de submissão ao longo do tempo	13
1.2 Ressignificação do papel de submissão das princesas clássicas na contemporaneidade	16
CAPÍTULO 2 - <i>MOANA: UM MAR DE AVENTURAS</i>: A RESSIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO DE PRINCESA NA CONTEMPORANEIDADE	26
2.2.1 Moana: representação de feminilidade, transgressão e identidade	27
2.2.2 Moana: a construção de uma nova beleza	36
2.2.3 Rompendo tabus: “princesas” não são frágeis	38
2.2.4 Princesa sem príncipe: novas representações do amor	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que crianças e adultos são fascinados por tramas apresentadas nos filmes da Disney. Os filmes da franquia encantam, já que estão cada vez mais se aproximando da realidade. É característico da empresa investir em produções baseadas em contos de fadas¹ e dar ênfase a figura feminina sendo representadas por princesas. Essas figuras que encantaram e tornaram-se sucesso tanto nos contos de fadas como nas adaptações foram divididas por Breder (2013) em três grupos: clássicas, rebeldes e contemporâneas. As princesas clássicas, são as consideradas “perfeitas”, sendo frágeis, passivas e submissas, sendo elas, *Branca de Neve (1937)*, *Cinderela (1950)* e *Aurora (1959)*. Já as rebeldes são *Ariel (1989)*, *Bela (1991)*, *Jasmine (1992)*, *Pocahontas (1995)* e *Mulan (1998)*, as referidas princesas são independentes e não dependem de um príncipe para salva-las e por último, as contemporâneas que vão de acordo com as rebeldes, sendo independentes, possuem personalidade forte e representam a realidade das mulheres do século XXI, são elas, *Tiana (2009)*, *Rapunzel (2011)*, *Merida (2012)*, *Frozen (2014)* e *Moana (2017)*. As princesas apresentadas possuem algumas características comuns, principalmente as clássicas: são garotas bonitas, frágeis, gentis e bondosas, que estão sempre lutando por uma causa, cada uma com sua especificidade.

Quando pensamos em princesa, vem à mente a imagem de uma jovem bonita, bem vestida, e que está sempre acompanhada de um príncipe encantado. Esse aspecto evidencia a submissão feminina, pois as mesmas sempre estão protegidas por figuras masculinas, que lutam por elas e as salvam. É sabido que ao longo dos anos aconteceram algumas mudanças dos paradigmas femininos atrelado a essas personagens, essas questões são evidenciadas nas princesas contemporâneas. Essas princesas são fortes, guerreiras, independentes e vão contra os ideais de subordinação da mulher. Tais transformações surgem em decorrência das mudanças sociais, referente às conquistas femininas, as mulheres não aceitam mais serem subjugadas e buscam igualdade de gênero, reivindicam direitos iguais e o fim da submissão.

Essas mulheres modernas também não possuem apenas um padrão de beleza, e sendo assim, a Disney não poderia ficar presa a esses padrões, já que é mundialmente uma das maiores produtoras de filmes de sucesso. Nesse sentido, para estar em comum acordo com a nova imagem da mulher, a Disney está se mostrando cada vez mais disposta a mostrar novas

¹ Tipo de história que geralmente apresenta personagens fantásticos como anões, dragões, fadas, bruxas e princesas.

princesas, elas estão mais independentes, lutando por seus ideais e cada vez mais não necessitando da representação ou intervenção masculina para que possam ser felizes, ou seja não atribuem a felicidade apenas ao casamento, assim como as mulheres na contemporaneidade, vivem lutando por espaço na sociedade, sem a presença de um homem, são mulheres donas de si, determinadas, trabalhadoras e competentes. Surgem, portanto, novos papéis femininos no que se refere à criação das princesas da Disney.

Na contemporaneidade, vemos que as mulheres estão lutando para conquistarem seus direitos e mudarem essa ideia de “ser” inferior e fragilizado, tentando assim desconstruir essa ideia de soberania masculina e essa luta não é de hoje. Há anos as mulheres lutam por direitos iguais aos do homem. Conforme Aguiar (2015):

Na década de 90, sob a égide de uma realidade social totalmente desvinculada submissão à figura masculina, a mulher, detentora de autonomia e liberdade para tomar decisões, ocupa posição de destaque pessoal, profissional e social, delineando-se uma clara mudança na representação de seu papel. (AGUIAR, 2015, p.07)

Em concordância com as palavras da autora, pensamos que a partir desse momento, diante dessa nova fase da mulher, intitulado-se autônoma e livre, surgiram as novas representações femininas nas princesas. As mulheres passaram a ser representadas de forma mais independentes, buscando ideais, e cada vez mais se afirmando como donas do próprio destino, sendo assim essas novas representações vem abrindo espaço para afirmação feminina como mulheres detentoras do poder.

Diante dessas novas representações e pensando nas conquistas femininas, mais precisamente nas questões de liberdade e de afirmação como “sexo forte”, escolhemos como corpus de análise desse trabalho o filme *Moana: um mar de aventuras*, um dos mais novos filmes de princesas lançados pela Disney em 2016 nos Estados Unidos e teve sua estreia no Brasil em 5 de janeiro de 2017 e segundo uma publicação do G1² em janeiro de 2017, o filme já teria levado 4,3 milhões de pessoas ao cinema e arrecadado 61,3 milhões no país. O referido filme tem duração de 113 minutos e seus produtores são, John Musker e Ron Clements.

O filme é sobre a história de uma garota aventureira, chamada Moana, que sonha em se aventurar pelo mar, mas é desde pequena impedida pelo pai. Decorrente das crenças de sua avó e incentivos da mesma surge a oportunidade de Moana partir e assim ela faz, parte em

² Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/moana-supera-frozen-e-se-torna-animacao-da-disney-mais-vista-no-brasil.ghml>

uma aventura em busca do semideus Maui para juntos restaurarem o coração de Te Fiti e salvarem o mundo de uma maldição, nessa aventura ela enfrenta muitos desafios e é por diversas vezes julgada por ser mulher, mas ela enfrenta todos os percalços e consegue seus objetivos.

A referida animação traz uma proposta inovadora de representação feminina, apresentando uma princesa independente, que foge aos costumes da donzela indefesa e que não possui interesse romântico, tais aspectos despertaram nosso interesse para a análise por Moana ser a primeira “princesa Disney” a mostrar tantos aspectos revolucionários juntos. Então, nos deteremos nesse trabalho a analisar a personagem Moana, buscando mostrar quais os diferenciais que a personagem traz em relação às princesas clássicas e como podemos pensar a sua representação no que se refere à emancipação feminina atrelada às questões de gênero. Para o embasamento teórico tomaremos como base os estudos de Scott (1995), *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, Louro (1997), *Gênero, sexualidade e educação* e Rago (2012), *Epistemologia feminista, gênero e história* para abordarmos considerações em torno das questões de gênero e D’Incão (2015), *História das mulheres no Brasil*, para questões relacionadas à condição da mulher na sociedade. Para falarmos a respeito das representações femininas trazidas pelas princesas nos basearemos em Mendes (2000), *Em busca dos contos perdidos. O significado das funções femininas nos contos de Perrault*, Breder (2013), *Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes das princesas Disney*, Aguiar (2015), *A representação feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney: a ressignificação social da mulher*, Fernandes (2015), *Princesas em evolução: a construção da identidade feminina nos contos de fadas do cinema de animação contemporâneo* e Soares (2015), *A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti*.

Para realização da nossa pesquisa partimos da hipótese que o filme traz uma nova visão de princesa com características de mulher forte, destemida e que luta por seus ideais, sem necessariamente se submeter a um casamento ou mesmo precisar de um príncipe (homem) para protegê-la. Nesse sentido, o trabalho está dividido em dois capítulos: no primeiro discutiremos a respeito da subordinação feminina ao longo do tempo e como essa condição refletiu nas princesas clássicas, ainda observaremos aspectos que evidenciam a ressignificação dessas princesas na contemporaneidade. No segundo capítulo, analisamos a personagem Moana mostrando como o conceito de princesa é representado na contemporaneidade e como ela mostra aspectos de uma mulher em busca de emancipação.

Com isso objetivamos em nossa pesquisa mostrar como a ideia de princesa frágil e submissa, comum nas adaptações da Disney aparece ressignificada na personagem Moana, observar como a personagem foge dos padrões impostos pela sociedade no que se refere aos aspectos da fragilidade feminina, casamento e beleza, e evidenciar os aspectos de transgressão nas ações da personagem Moana que referem-se ao aspecto da emancipação feminina.

Dessa forma, nossa proposta torna-se relevante por ser uma das primeiras a analisar esses aspectos feministas em Moana e por ser também a respeito da imagem da mulher, podendo abrir novos horizontes para a compreensão do feminino dentro da sociedade contemporânea, já que, a figura da mulher passou a ser algo de grande importância na sociedade atual e o papel de protagonista é cada vez mais acentuado.

CAPÍTULO 1 - EM BUSCA DE EMANCIPAÇÃO: PRINCESAS CLÁSSICAS VERSUS PRINCESAS CONTEMPORÂNEAS

1.1 Mulher e sociedade: a condição de submissão ao longo do tempo

Vivemos ainda em uma sociedade moralista que reflete certo machismo, isso se deve, principalmente ao papel instituído pela sociedade patriarcal e pela igreja, os quais, ao longo do tempo atribuíram à mulher uma submissão social e que, infelizmente, ainda subsiste até os dias atuais. A religião sempre exerceu poder sobre as mulheres, sendo um dos fatores que mais contribuiu para a subordinação feminina, impondo a supremacia masculina que, segundo Perrot (2007) está presente nos grandes livros como a bíblia, no qual, é dito que a mulher foi criada depois do homem e é derivada de uma costela masculina. Esse discurso atravessou os séculos se enraizando na mentalidade e nas práticas de diferentes povos. Perrot (2007), ainda evidencia que as mulheres:

São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala em público é indecente. Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. (PERROT, 2007, p. 17)

Corroborando com essa citação, podemos pensar que a mulher foi subjugada a viver em silêncio, a ser inferior e isso, de certa forma, foi pregado por muito tempo pela Igreja como um tipo de punição por a mulher ser considerada pecadora, esse pensamento é decorrente da passagem da bíblia, a respeito de Eva, a primeira mulher. Ela caiu em tentação e comeu o fruto proibido e induziu Adão a comer também, ocasionando assim a expulsão de ambos do paraíso. Após esse ocorrido, por toda a história, até os dias atuais, Eva é culpabilizada pelo sofrimento humano e, conseqüentemente, conforme a visão dos mais tradicionalistas todas as mulheres são filhas de Eva. Ainda pensando nessa questão da religião e voltando nossa atenção para o catolicismo, perceberemos que as santas canonizadas são em menor número em relação aos santos, pois as condições para as mulheres eram muito mais difíceis de serem atendidas, pois os homens agiam, evangelizavam e viajavam, enquanto as mulheres ficavam relegadas ao recato, tendo que se preocupar em preservar sua virgindade e rezar incansavelmente para não cair em tentação.

Nas sociedades antigas, a mulher era um ser destinado apenas à procriação e devia agradar ao homem em tudo, por isso, a única instrução permitida a elas era a educação doméstica. Aprender a ser uma boa esposa, dona de casa e mãe era suficiente para a mulher. Aquelas que ousavam ir além do que era estipulado podiam ser expulsas de casa e encerradas em um convento. Nesse sentido, predominava a ideia de que se a mulher tivesse pouca instrução facilitaria a imposição da supremacia masculina. A visão que diferencia os sexos, valorizando o masculino e tratando a figura feminina com preconceito e atribuindo a elas estereótipos é a responsável pela consolidação de uma sociedade machista até os dias atuais.

As mulheres do século XIX e XX, quando passaram a frequentar ambientes e eventos sociais, tiveram que aprender a se portarem socialmente, pois estavam sempre submetidas a avaliações e julgamentos, do pai, do marido e da sociedade, era função delas manter a imagem de boas esposas e boas mães, nos eventos. Isso fica evidente nas palavras de D’Incao (2015), ao afirmar que:

O casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status* (ainda que os romances alentassem, muitas vezes, uniões “por amor”). Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães (D’INCAO, 2015, p. 229).

Dessa forma, os casamentos no século XIX aconteciam por interesse financeiro ou político, e em decorrência disso, D’Inção (2015) assevera como era difícil para as mulheres da época, alcançar/encontrar o amor visto nos romances, lido por elas, e nas novelas, pois, restou a elas apenas “a rotina da casa, dos filhos, da sensibilidade e do tédio conjugal”. Mesmo assim, o referido século tem sua parcela de contribuição ao que se refere ao fator emancipação feminina, pois se por um lado, elas tinham que se portar conforme sua posição social nos salões, mostrando através de suas vestimentas e joias a posição de renome do marido, por outro lado, elas adquiriram um pouco de liberdade, pois agora podiam sair do espaço doméstico. Nesse período são bem comuns os casos adúlteros, pois nos grandes bailes, os maridos se distraíam com jogos, enquanto as esposas davam-se a paqueras com os jovens estudantes da época recém-formados em direito. De certa forma, o período foi benéfico para que a mulher pudesse viver com um pouco de liberdade social.

O casamento era um aspecto de grande relevância na época, e o fator sexualidade era bastante complexo, pois as moças casavam cedo e até chegar o casamento preservavam sua virgindade, considerada, requisito fundamental, pois proporcionava um status de valor à mulher.

Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, construir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole (D'INCÃO, 2015, p. 230)

Assim, a mulher era oprimida, não podia viver sua sexualidade livremente, tinha que atender somente aos desejos do marido. Para as mulheres casadas, só restava ficar em casa e se ocupar dos afazeres domésticos, enquanto o homem trabalhava para sustentar a família. Em relação ao trabalho, pensava-se que a mulher inserida no mercado de trabalho representaria uma ameaça à honra feminina, já que o trabalho era considerado um ambiente de perdição, onde elas eram vistas como figuras indefesas, sendo que o trabalho fora de casa tornaria os laços familiares mais frouxos e, conseqüentemente, destruiria a família. A incompatibilidade entre casamento e vida profissional permeou por muito tempo a vida das mulheres.

Já no século XXI, símbolo de progresso, apesar de todos os avanços adquiridos, podemos ver que esses pensamentos machistas, seja de cunho religioso ou social, provocam uma grande distância entre o homem e a mulher, apesar da mulher está lutando por espaço e se afirmando socialmente, ainda enfrenta muitos preconceitos. Muitas dessas dificuldades se deram em função da discriminação da diferença dos sexos, essas ideias tão arcaicas, são frutos dos anos de domínio social masculino que só serviram para propagar e manter a desigualdade de gênero. Porém, não podemos negar que houve mudanças em alguns espaços sociais como por exemplo, trabalho, esporte e no ambiente familiar, no qual o homem divide as tarefas domésticas e educação dos filhos, a mulher sai para trabalhar fora e divide as despesas com o marido. Mas, de uma forma geral, a posição da mulher continua a sofrer as conseqüências dos velhos preconceitos que, ainda de forma velada, limitam o pleno exercício de seus potenciais.

Um exemplo dessa limitação é referente à sua inserção no mercado de trabalho, mas também é uma das áreas que encontram mais problemas, pois ainda podemos ver homens com salários mais altos, permanecendo, deste modo, o pensamento de que mulheres não podem exercer as mesmas funções que os homens em determinadas profissões por assegurarem a velha ideia do sexo frágil. Apesar dos percalços enfrentados diariamente, a mulher tornou-se e torna-se cada vez mais autônoma e poderosa de si, dona de suas vontades, tornando-se assim, mais participativa em sociedade como sujeito de direito sempre lutando para se libertar dos padrões opressores, que ainda são impostos pela sociedade de veio patriarcalista.

1.2 Resignificação do papel de submissão das princesas clássicas na contemporaneidade

Os filmes clássicos da Disney como por exemplo *Branca de Neve* (1937), *Cinderela* (1950), *A Bela Adormecida* (1959), são famosos mundialmente e ao longo dos anos conquistaram gerações com histórias cativantes de teor cômico e emocional que, na maioria das vezes são sobre personagens femininas. Esse trabalho começou em 16 de outubro de 1923, quando Walter Elias Dias e seu irmão Roy Oliver Disney fundaram a maior companhia de entretenimento, a *The Walt Disney Company*, que é um dos maiores conglomerados de mídia, mundialmente conhecida. Começaram sua história criando filmes curtos, que geraram lucro suficiente para com o passar dos anos lançarem um longa-metragem e, foi assim, que surgiu seu primeiro grande sucesso, *Branca de Neve* em 1937. Decorrente desse primeiro sucesso surgiu outras histórias com diferentes princesas, adequada a cada época.

Sabe-se que as princesas são fenômenos mundiais e fazem parte da vida de crianças e adultos há muitos anos. Breder (2013) elucida que as princesas da Disney, como forma de franquia, todas juntas para maior comercialização da marca não existiam, foram criadas no ano de 2000 e viraram um grande sucesso de vendas, “princesas se tornou a franquia mais lucrativa já lançada pela empresa, além da maior marca do mundo voltada para meninas de dois a seis anos” (BREder, 2013, p. 8). Podemos pensar assim, que as princesas Disney, ao se tornarem referência, não só para crianças, mas também para adultos, podem exercer influências como, por exemplo, no comportamento, estereótipos de beleza ou dependência da figura masculina. Breder (2013) pontua que:

Embora não existam pesquisas que liguem diretamente o ato de brincar de princesa com a baixa autoestima de meninas, há amplas evidências de que quanto mais da mídia de massa as meninas consomem, maior importância elas dão à aparência. (BREder, 2013, p. 56).

De acordo com esse pensamento, podemos elucidar o quanto essas personagens influenciam o público, principalmente no que se refere à beleza ideal, e de certa forma, isso é perigoso, pois quanto mais evidências de subordinação feminina e “beleza de princesa” essas personagens apresentarem, mas o público absorverá. Essa questão da beleza é muito forte nas princesas e isso é algo muito criticado, pois como já citado aqui, acredita-se que essas personagens impõem um padrão de beleza que, de certa forma, “escraviza” a mulher. Elas possuem uma beleza eurocêntrica, que já é o padrão ideal imposto pela sociedade, em consequência disso, seus espectadores acabam acatando e perpetuando essa ideia de “beleza de princesa”. Esse discurso nos leva a pensar que aquelas meninas que não aparentam a

beleza ideal estereotipada não podem ser consideradas princesas e isso gera grande desconforto, já que uma criança, por exemplo, vai se sentir rejeitada por não apresentar certas características e buscar meios de se situar para se adequar a um modelo hegemônico.

Uma das questões que mais tem destaque nas histórias de princesas diz respeito a questão das vestimentas e do padrão físico que elas apresentam. Montesanti (2016) assevera que o marketing em torno das princesas é o que vai nutrir a cultura das princesas, já que ainda hoje, com toda essa questão de gênero em alta e conquistas femininas ainda é estampada à imagem da Cinderela e de outras princesas clássicas nos produtos, tais personagens ainda encantam. Sendo assim, as princesas clássicas, mostram muitos aspectos marcantes que fazem alusão à subordinação feminina, são eles: a mulher dona de casa, idealização da beleza e atribuição da felicidade ao casamento.

Esses aspectos de mulher subordinada estão em ênfase nas mídias que atingem a grande massa, em filmes, novelas, etc. Tais programas voltados para o entretenimento conservam esses paradigmas e acreditamos que a explicação seja porque a sociedade ainda valoriza esse tipo de relação. Vemos também que várias produções voltadas para o entretenimento e que são sucesso acabam com o casal protagonista casando e a mulher, se tornando “recatada e do lar”, formando o que é chamado de família tradicional. Essa visão de mulher submissa recaiu também sobre sua representação na literatura e, como já dito, no cinema, e aqui voltaremos nossos olhares para a representação da mulher enquanto princesa. Começamos nossa discussão falando sobre a representação das princesas clássicas, que são aquelas que trazem em seu perfil aspectos sociais arcaicos da época em que foram criadas.

Se pensarmos nos contos de fadas que são histórias de grande conhecimento popular e, principalmente, do universo infantil que passa de geração em geração, veremos que todos apresentam essas questões já citadas. Seus enredos trazem uma mulher com características perfeitas aos olhos da sociedade, ela é submissa a alguém, seja ao pai, ou a madrasta e estão sempre a espera de um príncipe encantado para que possam sair de tal situação. Mendes (2000), assevera que a princesa nos contos de fadas, na maioria das vezes, segue para o casamento, pois é o caminho que a sociedade machista lhe reserva na narrativa.

Os contos de fadas geralmente são adaptados para produções de cinemas e, sendo assim, ganham maiores proporções e público, viram superproduções, mas a representação da mulher se apresenta quase a mesma e isso gera muitas críticas, já que, as princesas são um dos primeiros referenciais de feminilidade para algumas meninas, de certa forma, impõem um padrão de beleza e de comportamento sobre o “ser mulher”.

Contos e filmes da Disney impõem uma ideia de submissão feminina, no qual, as princesas estão sempre esperando o resgate do príncipe encantado, tendo assim a figura masculina como único meio de salvação. Esses enredos trazem também um culto ao casamento e isso é consequência da importância que o casamento tinha na época da escrita dessas histórias. Outra explicação cabível é a de que os contos dos irmãos Grimm – Jacob e Wilhelm Grimm que são reconhecidos mundialmente pela criação de inúmeros contos, foram adaptados para o público infantil por Charles Perrault e são conhecidos até os dias atuais – foram lançados, segundo Mendes (2000), na época de explosão do romantismo, momento do qual o amor romântico e idealizado era tão em voga, isso talvez explique essa exaltação em torno do casamento.

Voltando nossa atenção para as princesas citaremos aqui como exemplo a personagem Branca de Neve, sendo ela, a típica representação de mulher dedicada ao lar e aos afazeres domésticos e faz isso em troca de moradia e “proteção masculina”. Essa princesa nasceu em um período que antecedeu a segunda guerra mundial e é a representante do ideal feminino da época. Ela representa a mulher dos anos 1930 que é mãe, esposa dedicada, dona de casa e obediente. Esse exemplo comprova que as princesas são típicas representantes do quanto essa ideia machista de que mulher é um ser frágil, indefeso e seu lugar é cuidando do lar, perpassou no cinema pelos clássicos infantis. Nesse sentido, conforme Perrot (2007), as mulheres ficaram muito tempo destinadas à obscuridade, confinadas em um silêncio profundo. Sendo assim, as princesas clássicas da Disney apresentam muitos aspectos dessa submissão feminina, a felicidade delas está sempre restrita a presença masculina, mesmo que por caminhos diferentes, tem o mesmo propósito, encontrarem um príncipe, essa é uma característica comum entre elas.

Essas princesas que apresentam esses padrões mais tradicionais são consideradas princesas clássicas, tais como: Branca de Neve (1937), Cinderela (1950) e Aurora (A Bela Adormecida, 1959), só para citar algumas, são solitárias e passivas. Breder (2013) citando Beauvoir (1967), diz que essas princesas são a representação da “menina que aprende que deve ser frágil, que vê na posição de mártir, no sacrifício, na dor, uma forma de encontrar a glória, o prestígio, as maiores recompensas” (BREDER, 2013, p. 33).

Entretanto, tais representações foram mudando ao longo do tempo, por exemplo, em contraponto a Branca de Neve (1937), que tinha orgulho de ser uma boa dona de casa, Cinderela (1950) traz essa imagem de mulher responsável pela casa, mas não mostra satisfação em estar nesta condição. Ela representa a mulher que vê em um marido a possibilidade de uma vida melhor, nesse sentido, “o ideal deixa de ser de mulher dona de casa

e passa a ser da mulher que conquista um marido que possa lhe dar tal conforto, que a livra dos afazeres domésticos” (BREder, 2013 p. 34). Bela, no filme *Bela e a fera* (1991) representa a mulher que sonha com uma vida melhor e almeja conquistar isso estudando, ela é apaixonada por livros e não idealiza casamento, mesmo o casamento acontecendo no filme, não é atribuição dela as tarefas domésticas. No filme *Pocahontas* (1995), a protagonista abre mão do casamento para ficar com o seu povo, em sua aldeia. Ela nega o pedido que é feito pelo seu par romântico, de ir embora com ele, pois a felicidade dela está atrelada a família e ao seu lugar de origem, a referida princesa, representa a mulher que não depende de um homem, ou seja, de uma figura amorosa para ser feliz.

Essas mudanças que as princesas apresentam, são adequações ao tempo, já que o papel da mulher evoluiu, as princesas não poderiam trazer apenas um modelo de representação feminina, pois o público alvo dessas personagens buscam coisas novas, condizentes com a realidade do momento. Ainda podemos ver mulheres representadas por tais características, mas estão na luta contra esse pensamento machista.

No que se refere à representação contista ou cinematográfica das princesas clássicas, percebemos que o perfil estereotipado das mulheres ao longo do tempo, como subordinadas ao homem não se evidencia mais, pois, após diversas lutas em prol de direitos sociais, entre os quais podemos citar o movimento feminista, as mulheres começam a conquistar um papel de mais destaque na sociedade, conquistando direito ao voto, liberdade sexual e inserção no mercado de trabalho. Essas lutas refletem positivamente nas produções cinematográficas da Disney que ao perceber uma sociedade emancipatória, quanto ao poderio feminino, não apresenta mais um pensamento retrógrado em torno da mulher e busca se enquadrar nos novos perfis que surgem.

Em decorrência do crescimento dos movimentos em prol dos direitos feministas, as mulheres estão se empoderando e lutando contra os (pré)conceitos machistas, e assim, o público desses filmes, contos ou de qualquer outra narrativa que seja sobre princesas, está mudando, exigindo assim, que as histórias sejam sobre mulheres mais corajosas, fortes e destemidas que por si só conseguem realizar seus anseios, sem necessariamente, precisar da figura masculina para se emancipar. Breder (2013) afirma que essas princesas surgem quando as mulheres casadas ocupam o mercado de trabalho, ressurgem também os movimentos feministas de 1960, no qual, as mulheres passam a exigir o divórcio, lei do aborto, ser mais liberais, tornando-se força política importante.

A Disney, nesse aspecto, sentiu a necessidade de mudar suas personagens, e assim poder adequá-las a uma demanda social diferente a qual a emancipação feminina já está em

consolidação. E assim, cada vez mais, vemos que a empresa vem atendendo a esses anseios, pois em suas produções mais recentes os traços positivos em torno da mulher estão ganhando mais força, como é o caso dos filmes *Pocahontas* (1995), *Mulan* (1998), *Frozen* (2013) e *Moana* (2017) corpus de nossa pesquisa.

Um traço diferencial que os filmes de princesas contemporâneas trazem é a valorização de outras culturas e tradições, a Disney passou a produzir filmes de princesas pertencentes a diversos povos e costumes, como por exemplo, *Mulan* (1998), princesa chinesa, cuja trama é baseada em uma lenda e nela é mostrado a cultura oriental, ela disfarça-se de homem, substitui seu pai e batalha ao lado dos homens no exército, ajudando-os a salvar sua nação. *Pocahontas* (1995), que é baseada em uma história real e se passa em uma tribo indígena americana, enfatizando assim, os costumes desse povo e *Moana* (2017), que é um dos recentes lançamentos da Disney, a história se passa em uma ilha da polinésia e mostra lendas e costumes desse lugar. Essas princesas citadas comprovam que a Disney, para inovar, está apostando na valorização, não só das mulheres, mas também, da representação de diferentes culturas, tentando quebrar estigmas unilaterais.

As princesas foram se modernizando e ficando mais autônomas, corajosas e menos submissas, algumas até com comportamentos bastante rebeldes se levarmos em conta as suas trajetórias ao longo do tempo. No que se refere às princesas que trazem comportamentos considerados rebeldes podemos citar: *Ariel* (1989), *Bela* (1991), *Jasmine* (1992), *Mulan* (1998), *Pocahontas* (1995) e *Merida* (2012). Todas apresentam traços em comum, com personalidade bastante forte e desobedecem regras impostas pela sociedade, a exemplo de *Mulan* (1998), que quebrando todas as regras de recato feminino foi à guerra lutar por seu povo, comandando um exército e vencendo a batalha. O segundo exemplo é o de *Jasmine* (1992), essa princesa casa por desejo próprio e não por “arranjos sociais”, ela pode ser considerada também como uma representante da união das classes sociais, pois ela pertencia à nobreza e casou-se com um plebeu; *Merida* (2012), vai além, pois contraria as imposições sociais e contra as vontades de sua mãe e renega o casamento, troca a vida de esposa por uma vida de bravura e aventura, sendo sua única paixão o arco e a flecha. Percebemos assim, que as princesas citadas fogem do padrão social de subordinação atribuído às mulheres.

Além disso, cabe ressaltar que na filmografia contemporânea não há só as releituras das princesas clássicas, mas a criação de novas, que destoam em todos os aspectos desses enredos tradicionais. É o caso de *Moana* que se apresenta como uma princesa guerreira, que por amor ao seu povo renuncia seu posto de “majestade” e embarca em uma aventura para salvar sua aldeia. Ela apresenta muitos atributos da mulher moderna, é forte, destemida e vai contra a

vontade de todos para realização de seu sonho. Essa princesa apresenta dois traços diferenciais que são singulares em seu enredo: o primeiro diz respeito às suas características físicas, pois estas contribuem para a desconstrução da ditadura da magreza, já que ela é uma menina robusta como podemos ver na imagem abaixo, fugindo do padrão de beleza presente em grande parte das princesas clássicas e o segundo diz respeito às questões amorosas voltadas para o casamento, que são inexistentes nesse filme.



(Moana Waialiki)

Essas novas apostas da Disney representam a mulher do século XXI, mulheres determinadas que fogem dos padrões socialmente atribuídos a elas. Essas princesas enfrentam diversos obstáculos e pessoas para mudarem seu destino, assim como a mulher que atualmente encontra-se inserida no mercado de trabalho, engajada na política e protestando pelos seus direitos. Sob a égide de uma realidade social totalmente desvinculada da submissão à figura masculina, a mulher, detentora de autonomia e liberdade para tomar decisões, ocupa posição de destaque pessoal, profissional e social, delineando-se uma clara mudança na representação do seu papel. É essa representação que as princesas contemporâneas vão trazer estando atreladas à realidade da época, apresentando-se mais independentes, questionadoras e destemidas na busca dos seus objetivos. Mesmo sabendo que ainda existem muitos desafios para a mulher, muitos preconceitos arraigados precisam ser quebrados e as recentes produções da Disney, de certa forma, contribuem para esse empoderamento feminino e uma visão mais positiva da trajetória feminina.

As princesas contemporâneas retomam a feminilidade e contêm a autossuficiência da mulher na sociedade, ampliando a representatividade feminina. Essas personagens quebram paradigmas e abraçam a diversidade da vida real. Diante dessa construção de sentidos em sociedade, o cinema repensa seus métodos para atrair o público, no que se refere ao público feminino, respeitando o empoderamento que cabe a elas, mudando assim, os padrões que subjagam as mulheres e que são divulgadas pela mídia. Diante dessa nova realidade, as

leitoras e expectadoras que antes sonhavam em serem princesas do lar e conquistar o amor de um príncipe encantado, agora desejam ir além dos seus limites, ocupando-se de questões inerentes ao ser próprio viver, sendo, portanto, donas de si.

Com isso, as mulheres estão resgatando sua história, seus espaços, e isso está cada dia mais claro e representado com mais ênfase na mídia, como já dito aqui, estão sendo representadas na atualidade como mulheres/princesas capazes de criar seus próprios caminhos. Podemos então, pensar que a imagem de princesa continua popular, só que na atualidade, estão mais poderosas, refletindo a realidade de sua época, uma realidade engajada na busca do diferente no meio social.

Em decorrência de todos esses aspectos relacionados às mulheres, aqui já citadas, faz-se pertinente ainda discutirmos, mesmo que brevemente, a respeito das questões de gênero trazidas por Scott (1995) no seu trabalho, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, a fim de elucidar como esse tema está atrelado à nova posição ocupada pela mulher em sociedade. A autora associa o termo gênero como sinônimo de mulher e que os registros voltados para a história feminina substituíram o termo mulher por gênero. Segundo a autora, esse termo não vai distingui-la do homem, pois suas histórias estão entrelaçadas, ou seja, o estudo de um implica no estudo do outro, sendo assim, o termo gênero será usado para designação das relações sociais dos sexos, portanto, o termo gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p. 75).

A autora supracitada evidencia que gênero é uma categoria imposta a um corpo sexuado. Diante disso, o seu objetivo é compreender a importância dos sexos, dos grupos de gênero no passado histórico, por isso afirma: “Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para muda-la” (SCOTT, 1995, p.72). Ainda segundo a autora, as pesquisadoras feministas elucidam que o estudo das mulheres não acrescentariam somente novos temas, mas que iria impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente. Nesse sentido,

Inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante [...] não é demais dizer que ainda as tentativas iniciais tenham sido hesitantes uma tal metodologia implica não somente uma nova história de mulheres, mas também uma nova história (SCOTT, 1995, p. 73)

A nova história iria incluir a história dos oprimidos, por isso, enfoca as categorias de classe, raça e gênero. Tilio (2014), afirma que a definição de gênero dada por Scott é como um conjunto de sentidos construídos nas relações de poder que sustentam as relações entre homens e mulheres, sendo assim, conforme o pensamento da autora, gênero não será a diferença sexual, mas sim as representações e as relações de poder, advindos dessa diferença sexual. Diante desse pensamento, o autor expressa que não é a diferença sexual por si só que organiza as relações entre homens e mulheres, mas sim são as relações de poder que definem como os sexos devem manter suas interações (TILIO, 2014, p. 134), dessa forma esse embate entre homem e mulher que dura há muitos anos, em que o homem está sempre buscando mostrar que é superior a mulher e a sociedade acata essa ideia, inferiorizando-a, começa a mudar de aspecto. Agora, a mulher pode e busca se equiparar ao sexo masculino sem, necessariamente, está participando de um jogo de poder em que o forte se sobressai em relação ao mais frágil, pois, a ideia de sexo frágil referindo-se ao papel feminino está há bastante tempo fora de discussão.

O poder, de certa forma, sempre foi atribuído ao homem, pensa-se a partir de um conceito universal de homem, valorizando os heterossexuais e excluindo os que fogem a esse padrão e hierarquizando as práticas masculinas, deste modo, a opressão ligada ao sexo começa no nascimento, através da imposição social do gênero, esse termo é usado para descrever os sistemas de valores que impõem comportamentos e aparência a diferentes classes sexuais atribuindo superioridade a uma classe sexual, o homem no caso, à custa de outra. De acordo com Louro (1997), a forma como o gênero se expressa varia de acordo com a cultura e o contexto em que estão inseridos, assim, tempos e lugares irão impor normas distintas de aparências para mulheres e homens. Dessa forma, entendemos que gênero não se dá de forma tão natural, é construído socialmente e culturalmente fazendo com que os sujeitos se identifiquem como masculinos ou femininos. O autor evidencia que há uma tentativa de explicação da desigualdade social referente a homens e mulheres, remetendo essas diferenças as características biológicas de cada um.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997, p. 21)

Para explicar a diferença dos gêneros Louro (1997) vai dizer que antes eram relacionadas as questões biológicas, em decorrência disso, os movimentos feministas vão

voltar sua atenção para essas questões, desencadeando vários debates. Segundo o referido autor, a primeira luta desses movimentos era reivindicando igualdade entre as mulheres e os homens, mas com o avanço de suas teorias o feminismo vai responder a ‘acusação’ da diferença transformando-a numa afirmação, ou seja, não apenas reconhecendo, mas procurando valorizar, positivamente, a diferença entre mulheres e homens (LOURO, 1997).

Partindo desse pressuposto das relações de poderes, veremos que Scott (1991, p. 428 apud Rago 2012, p. 30) discorre sobre a divisão de trabalho de acordo com o sexo, ela diz que é insustentável a tese de que a industrialização provocou a separação entre trabalho e lar, obrigando as mulheres a escolher entre o trabalho doméstico e o assalariado, a autora afirma também que foi o discurso masculino que estabeleceu a inferioridade física e mental das mulheres definindo, assim, a partilha do trabalho. As mulheres se inseriram no campo da ciência rompendo os modelos de funcionamento e da pesquisa científica, construindo assim uma linguagem própria (Rago, 2012). Nesse sentido, corroborando com o pensamento da autora supracitada há uma construção cultural da identidade feminina quando as mulheres são inseridas em massa no mercado de trabalho e começam ocupar profissões “masculinas”, transformando assim esses campos.

Na década de setenta surgiram necessidades de novos temas a serem estudados e as mulheres ganharam visibilidade foram marco das lutas em prol das mulheres, Joana d’Arc, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir, sendo assim, foram inseridas na história. Esse quadro de estudos voltado para o feminismo ampliou-se com os temas voltados para a mulher como “prostituição, bruxaria, loucura, aborto, maternidade”, entre outros. Com isso, novos sujeitos femininos foram incluídos no discurso histórico, partindo-se inicialmente das trabalhadoras e militantes, para incluir-se, em seguida, as bruxas, as prostitutas, as freiras, as parteiras, as loucas, as domésticas, as professoras, entre outras (RAGO, 2012, p.14).

Desde o surgimento dos estudos de gênero, as mulheres já alcançaram muitas conquistas ao longo da história, lutando pelos seus direitos através de movimentos feministas, que nas palavras de Scott (1995):

Ressurgiu nos Estados Unidos nos anos 60, estimulado pelos direitos civis e por políticas públicas que buscavam estabelecer um potencial feminino. E assim, o movimento assumiu e criou uma coletividade feminina com interesse no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência das mulheres, tendo assim igualdade e controle sobre seus corpos e suas vidas (SCOTT, 1995, p. 67-68)

Na contemporaneidade, os sujeitos são influenciados pela globalização, pelas transformações políticas e culturais, pensando na mulher podemos ver que sua identidade é

formada e modificada de acordo com os momentos históricos e suas evoluções, influenciando, assim, os seus modos de agir e pensar. De acordo com essa ideia, tem se construído uma identidade feminina reprimida pelos cuidados morais da sociedade, a distribuição social dos papéis dos gêneros contribui para a relação de poder, interferindo assim na mudança social referente à identidade feminina. Na atualidade novas concepções têm sido criadas sobre as funções que as mulheres ocupam, desconstruindo assim, modelos clássicos e criando novos.

Pudemos ver que ao longo do tempo, a história voltada para as mulheres foi marcada de lutas por igualdade de direitos e decorrentes dessas lutas descobriram que podiam ser mais que donas de casa. A partir das discussões, principalmente, ensejadas pelos movimentos em prol do feminismo conseguiram se lançar no mercado de trabalho, na política, entre outras coisas, tornando-se mais ativas, garantindo seus direitos e mostrando o poder de sua voz. A Disney, nesse sentido, por meio de suas produções filmicas, busca mostrar mulheres donas de si e mais corajosas, buscando desconstruir a dicotomia homem *versus* mulher tão em voga pelos filmes tradicionais. De acordo com esse pensamento, de mudanças e ressignificação do papel feminino, o filme em análise traz como protagonista uma garota que vai contra os pensamentos opressores do seu pai, luta contra o machismo e as imposições feitas pelas figuras masculinas de sua aldeia. Portanto, com essa personagem procura-se desmistificar a ideia de “princesa Disney”, ou seja, o pensamento que remete a mulher, a ideia de fragilidade. Diante disso, buscamos analisar em Moana essa nova representação.

CAPÍTULO 2 - *MOANA: UM MAR DE AVENTURAS*: A RESSIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO DE PRINCESA NA CONTEMPORANEIDADE

Os filmes Disney são grandes produções repletas de magia e encantamentos, envoltos de uma estrutura singular, possuem príncipes, princesas, elementos mágicos, final feliz, etc., sendo assim, possuem aspectos reais e não reais, que há muitos anos divertem e inspiram o público. Com o filme *Moana: um mar de aventuras* (2017), não seria diferente, engloba todos os elementos descritos por Propp (2006) ao falar dos elementos inerentes aos contos de fadas.

Para esse autor,

[...] a saída de um dos membros de casa, a imposição de uma proibição ao herói ou heroína da história, a proibição é transgredida, o herói/heroína deixa-se enganar e ajuda involuntariamente o antagonista, o herói/heroína deixa a casa, é submetido a uma prova, ele é ferido ou temporariamente vencido, o antagonista é vencido o dano inicial causado é reparado e o herói/heroína retorna ao lar. Grande parte desses elementos é preservada, até certo ponto, nos contos de fadas do cinema. Um dos mais frequentes é o caráter resolutivo dos contos, que consiste em um final feliz para o herói ou heroína envolvido (PROPP, 2006, apud FERNANDES, 2015, p. 29)

Referente às palavras do autor, o filme em questão segue todos os aspectos estruturais de outros filmes e dos contos de fadas, já que possuem enredos semelhantes, e os conflitos presentes na trama também. No entanto, no que se refere à constituição das personagens vemos grandes relances que divergem das histórias de princesas clássicas e é isso que procuramos mostrar no filme em análise ao observamos a personagem protagonista.

Nesse sentido, podemos acurar que com todas as questões que envolvem as conquistas das mulheres, a Disney vem há algum tempo trazendo pequenas e grandes mudanças em seus filmes, que são reflexos das mudanças sociais, foi-se o tempo em que o único interesse das princesas era encontrar um príncipe, hoje os interesses são outros. Isso, de certa forma, mostra que, com o avanço dos movimentos em prol do feminismo, os estúdios estão se desvinculando da ideia de que a felicidade feminina está ligada apenas ao casamento e que o trabalho é apenas o doméstico. Ao longo do tempo, elas passaram de donas de casa à espera de um príncipe que pudesse salvá-las, para rebeldes e independentes, capazes de enfrentar o mundo.

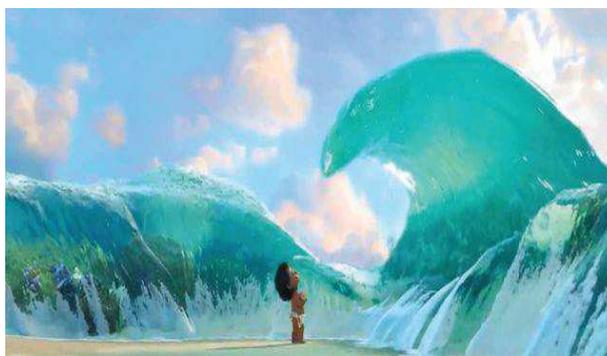
Convém salientarmos desde já, que cada período histórico tem um discurso diferente e as princesas refletem a ideologia da época a qual pertencem. Portanto, diante do cuidado e empenho com as recentes produções filmicas da Disney podemos perceber que há uma evolução no papel da mulher. Assim, como nos contos de fadas, os filmes trazem em seus enredos diversos conflitos femininos que segundo Fernandes (2015) são: a busca pelo corpo perfeito e aceitação do corpo, postura adequada da mulher e questões do casamento.

Os contos de fadas do cinema, longe de serem unicamente produtos da indústria cultural ou ainda, simplificações das narrativas literárias, eles adaptam os temas comuns aos contos clássicos ao contexto cultural vigente, facilitando assim a assimilação da utilidade reflexiva que os contos de fadas promovem. Além disso, esses novos contos inserem novos temas que representam exatamente os conflitos atuais da personalidade do sujeito, trazendo questões que fazem parte de sua realidade (FERNANDES, 2015, p. 28)

Os filmes trazem conteúdos que condizem com o contexto atual e de acordo com esse pensamento de Fernandes (2015), não são mais criados para atingir apenas o público infantil, mas também, os adultos já que as questões sociais abordadas nessas narrativas atingem o público em geral. As personagens dos filmes contemporâneos representam ideologias que condizem com os novos perfis femininos tentando, de certa forma, desconstruir a imagem clássica e consolidar o novo. Sendo assim, iremos nos dedicar nesse capítulo a analisar o perfil feminino de Moana, buscando mostrar como se consolida a emancipação/transgressão dessa personagem no tocante à comparação com características das princesas clássicas.

2.2.1 Moana: representação de feminilidade, transgressão e identidade

Dando continuidade as tentativas de inovações e rompimento de padrões mesmo que para fins lucrativos, a Disney lançou o filme *Moana: um mar de aventuras* (2017), que retrata a história de Moana Waialiki, uma garota com espírito aventureiro, que sonha em sair do povoado em que mora e se aventurar pelo mar para conhecer outras realidades. Desde criança, ela se encantava pelo mar e sentia-se chamada por ele como poderemos ver na imagem.



O nome Moana significa “oceano”, “mar profundo”, alguém que “traz essência divina”³. Com base nisso, podemos afirmar, de início, que a simbologia do nome ligada ao oceano reflete a identidade da personagem destemida e que não se compraz apenas com o

³ Disponível em: <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br>.

essencial, pois busca ir além dos seus limites para conquistar o que deseja. E é isso o que acontece ao longo do filme.

A história começa com a personagem Tala contando para as crianças, entre elas, Moana, lendas de seus antepassados, falando do Semideus Maui, de como ele roubou o coração da Deusa Te Fiti e que em decorrência disso o mundo estava sofrendo as consequências, sendo alvo de uma maldição, para qual a solução seria alguém se aventurar em busca de Maui para juntos restaurarem o coração da deusa e salvar o mundo. Essas histórias contadas pela avó encantavam Moana desde bebê, no entanto, era sempre repreendida pelo pai, que já havia traçado o destino da filha. Ela devia ser a sucessora e cuidar dos assuntos da aldeia. Por isso, segundo o pai a menina, devia ser uma mulher séria, comprometida com o seu povo e não ficar ouvindo crendices da avó. Como chefe da ilha, o pai de Moana, Tui, repreende a mãe, Tala, para que não contasse essas histórias à neta.

A partir desse início da história podemos perceber que o personagem Tui é um ditador de regras, assumindo o papel patriarcalista de um homem que impõe ordem a todos, principalmente a filha, que desde o nascimento estava predestinada a assumir um lugar na ilha, escolhido por ele, escolhendo, assim, o destino da menina. Esse aspecto, comprovamos na fala a seguir:

- Tui: Te achei, Moana, onde está indo? Me deu medo.
- Moana: Eu quero ir no mar.
- Tui: Eu sei, mas não deve ir até lá, é arriscado. Vamos voltar pra vila. Você será a grande chefe do nosso povo (MOANA, 2017).

Conforme vimos no capítulo anterior, às questões em torno da condição feminina, aqui faz presente o pensamento machista do pai em decidir o destino da filha. Ela, assim como uma princesa, devia se encaixar nos moldes tradicionalistas e cumprir seu papel na família, de perpetuadora do sangue guerreiro do chefe.

Ainda nas primeiras cenas, ao atrapalhar Tala na sua “contação” de histórias, Tui diz as crianças que aquelas coisas contadas por sua mãe não eram reais, tentando dessa forma dissipar esse pensamento da mente delas, principalmente de Moana, que já se mostra encantada por tais fatos narrados. Mas ele não tem grande sucesso, já que Moana segue para o mar e lá é escolhida por ele. Na cena o mar se abre para a garota como uma espécie de chamado, oferecendo-a uma concha, esse objeto, torna-se muito significativo para Moana, sendo no final do filme um espécie de marca da garota, uma vez que, ao tornar-se líder, ela deixa a concha no lugar onde, até então, só figuras masculinas tinham deixado suas marcas, representadas por pedras, dessa forma o objeto traz mais um diferencial para o filme e a personagem. Ela recebe do mar uma espécie de carinho e cuidado e entre esses gestos ganha o

coração de Te Fiti. Com isso, ela torna-se a escolhida para ser a encarregada de restaurar o coração como mostrado na imagem.



Aí começa toda sua trajetória, pois após ser escolhida, a personagem vai mostrar uma forte ligação com o oceano, e esse laço fará com que ela vá contra as crenças do seu povo, impostas por seu pai, que proíbe a todos de saírem da ilha em que vivem.

Com o passar das cenas, Moana cresce e se torna uma jovem muito inteligente e em razão da sua paixão pelo mar tornar-se incontrolável, Tui decide que ela deve assumir o posto que ele a delegou. No entanto, na primeira tentativa, especificamente, no momento da cerimônia ela desiste ao ver Tala, a avó dançando próxima ao mar e vai correndo ao seu encontro, deixando todos a sua espera. Percebemos nesse momento um traço diferencial da personagem em relação às princesas clássicas, pois estas jamais fugiriam de um compromisso de tamanha importância, por ter sido condicionada desde criança para assumir determinado destino. Aquela, no entanto, representa a mulher moderna, com perspectiva própria, desafiando a ordem patriarcalista. Cabe mencionar ainda que Tala não se enquadra no modelo de avó tradicional, como propagadora de valores e exigências, mas como uma mulher sonhadora e que pensa em ir além dos seus limites. Por isso, sempre está encorajando Moana ir em busca da felicidade, conforme vemos na fala a seguir:

- Tala: teimosa e orgulhosa, tão igual seu pai, respeite, mas siga sempre esse sonho que te atrai. A voz que diz em um sussurro, que a estrela vai te guiar, Moana essa voz é sua, esse é o seu lugar... (MOANA, 2017).

Fica evidente na fala a maneira que Tala guia Moana para seu caminho e de como a princesa vai se mostrar ao longo do filme, uma mulher forte, que através dos incentivos da avó, irá lutar por seus objetivos, tomando assim, liberdade para decidir seu próprio futuro, se mostrando uma mulher empoderada podemos ver isso na imagem abaixo:



Moana por ser uma mulher forte, inteligente, e corajosa, torna-se uma boa líder com o reconhecimento do seu povo, mas problemas como falta de peixe para alimentação e terras improdutivas, advindos da maldição causada por Maui começam a aparecer, e ela entra em divergência com o pai, pois acredita que a solução dos problemas é enfrentar o medo e sair em busca de alimentos fora da ilha. Para isso, teria que navegar além dos limites considerados seguros, no entanto, o pai da moça é totalmente contrário a sua proposta.

Esse personagem, que pode ser visto na imagem abaixo é o representante do homem que manda e dita às regras, já que tenta de inúmeras formas impedir que Moana realize sua vontade de sair da ilha.



Diante disso, podemos refletir que ele teria dois motivos para essa represália: primeiro porque ela era sua única filha e, conseqüentemente, herdeira do “legado de chefe” e por isso devia se curvar e aceitar sua vontade, dado que manter a filha cumprindo sua vontade tornava-se uma questão de honra. Uma mulher não devia contrariar a vontade do homem – assim como ficou evidente na discussão que ensejamos no capítulo anterior – e Moana e Tala eram as mulheres transgressoras da família, pois enfrentavam seus medos com altivez, tornando-se soberanas em um lugar que se mostrava machista em seus posicionamentos. Diante disso, podemos precisar a partir da produção filmica que Tui sente-se afrontado por mulheres que quebram tabus e preconceitos em prol da emancipação feminina. Convêm explicitar ainda que citamos a personagem Tala porque ela tem grande influência na personalidade de Moana, por isso estamos mencionando-a para precisar mais nossa análise da personagem principal.

Quanto ao aspecto de empoderamento feminino passemos a analisar a música “Saber quem sou” cantada por Moana no filme.

Aqui sempre, sempre à beira da água
 Desde quando eu me lembro
 Não consigo explicar
 Tento não causar nenhuma mágoa
 Mas sempre volto pra água
 Mas não posso evitar
 Tento obedecer, não olhar pra trás
 Sigo meu dever, não questiono mais
 Mas pra onde vou quando vejo estou onde eu sempre quis
 O horizonte me pede pra ir tão longe
 Será que eu vou? Ninguém tentou
 Se as ondas se abrirem pra mim de verdade
 Com o vento eu vou
 Se eu for não sei ao certo quão longe eu vou...

Essa música traz aspectos interessantes sobre a personagem no filme e seus anseios, o início da música mostra o quanto ela quis satisfazer as vontades do seu povo, mais precisamente do seu pai “*tento obedecer, não olhar pra trás, sigo meu dever, não questiono mais...*”, mas a força que existe dentro dela, o anseio pelo novo, a busca por conhecimentos e liberdade é maior “*Mas pra onde vou quando vejo estou onde eu sempre quis*”. Por mais que ela tente, sempre acaba voltando para o mar, dessa forma, ela acaba entendendo seu propósito e não reprime suas vontades para satisfazer a do outro. A música evidencia assim, através da protagonista, aspectos da mulher moderna.

É pertinente observar a relação da personalidade de Moana com a água, o mover das águas, o ir e vir sem destino diz muito sobre a mulher que nos dias de hoje buscam por si mesmas se realizarem, querem ser como a água do mar, não ter destino certo, ser livre. São esses aspectos de emancipação feminina que Moana traz que a tornam tão singular. É nesse sentido que podemos ver a quebra da ideia de submissão feminina, já que ela representa aspectos sociais das mulheres contemporâneas, as que lutam contra tudo e todos para descobrirem quem são e o que desejam ser. Moana desfaz o papel social de mulher frágil, dependente e submissa, para dar vez a uma personagem, forte, destemida e heroína. Corroborando com a discussão acima, Aguiar (2015) pontua:

Deve-se observar, neste aspecto, a alteração do papel feminino com o passar das décadas, o que pode ser percebido na própria figura das princesas dos filmes da Disney: a mulher, que antes ocupava uma posição de submissão à figura masculina, com a onda de movimentos feministas, começou a encontrar seu espaço na sociedade (AGUIAR, 2015, p. 02).

Moana mostra esses aspectos trazidos por Aguiar (2015), ela vai ressignificar o papel da mulher nesses filmes e o conceito de princesa, uma vez que ela foi apresentada inicialmente como princesa, mas se consolidou como heroína, configurando-se como mulher livre, rompendo os estereótipos e as tradições que ainda estavam enraizados nas princesas clássicas, como pudemos ver no capítulo anterior.

Na passagem da música que a personagem indaga “*será que eu vou? Ninguém tentou*”, fica evidente essa questão do diferencial trazido pela personagem, “ninguém tentou” por não ter coragem. Então, ela vai quebrar os paradigmas e vai a busca do seu desejo sendo diferente das demais mulheres (princesas). Podemos ver que a música traz aspectos interessantes da nova representação da mulher, que conversam perfeitamente com a personagem em foco.

Como já mencionamos aqui, a personagem Tala, mostrada na imagem abaixo contribuiu para a desenvoltura de Moana no filme como é possível ver na imagem elas tem uma ligação muito forte.

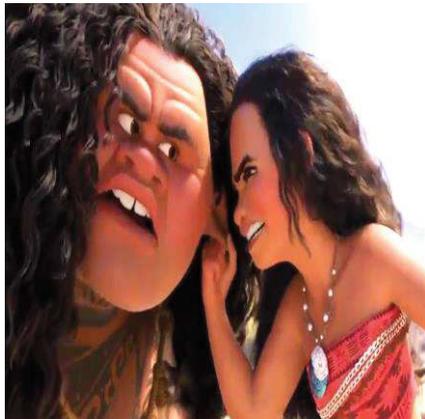


Sendo assim, ela vai ensinar a neta a tornar-se uma mulher forte e corajosa, incentiva a jovem a lutar contra as represálias e tradições que inibem seu sonho, podemos ver evidências disso na fala a seguir.

- Tala: Vá!
- Moana: Como?
- Tala: Vá!
- Moana: Agora não, não dá.
- Tala: Precisa. O oceano te escolheu, vá atrás do anzol e quando ver o Maui, só chegue bem perto dele e diga: eu sou Moana de Motunui, vai embarcar no meu barco, cruzar o oceano e restaurar o coração de Te Fiti.
- Moana: Eu não consigo.
- Tala: Seja aonde for que você vá, eu sempre estarei contigo (Moana, 2017)

Essa fala diz muito sobre as atitudes que Moana tomará durante sua trajetória, como ensinado por sua avó, ela não vai se submeter às vontades de Maui, sendo uma mulher autônoma, irá tomar as rédeas da situação e comandar a navegação. Há, assim, uma inversão de papéis, pois ela que comanda todas as ações com Maui contrapondo-se as princesas clássicas que são conduzidas pelos príncipes. Moana é a representação da mulher que não

teme ao homem, que o enfrenta e que luta por igualdade dos gêneros como podemos ver nas imagens.



O pedido final, que Tala faz a Moana, a encoraja a partir em busca do seu sonho e do Semideus Maui, deixando tudo para trás e contrariando as vontades do seu pai, ela parte em uma jornada de aventuras e descobertas, segue viagem sozinha e enfrenta muitas dificuldades no início, já que, ela não sabia conduzir o barco, mas com muita persistência e com ajuda do oceano, que é um dos elementos mágicos do filme, consegue encontrar Maui, mas ao conhecê-lo, tem uma grande surpresa, pois Maui nesse primeiro contato e em boa parte do filme mostra-se um homem extremamente arrogante e machista. É pertinente comentar sobre o personagem supracitado que apesar de não ocupar a função de príncipe encantado tradicional e de ter modos tradicionais de comportamento é afrontado por Moana que em nenhum momento é submissa a ele, e sim toma as rédeas da situação, desconstruindo a ideia de mulher frágil, dependente de uma figura masculina.

No primeiro contato que eles têm, Maui não aceita que Moana se apresente, dizendo quem é, ele faz isso primeiro de forma grosseira e de um modo que a convença a endeusá-lo, já que ele vai mostrar todos os seus feitos, conquistas e poder,

- Moana: Maui, transmorfo, semideus da água e do ar, eu sou...
- Maui: Herói do mundo... eu gosto de Maui, transmorfo, semideus da água e do ar, herói do mundo. Tenta mais uma vez, vamos lá! Herói do mundo, valeu?
- Moana: Eu sou...
- Maui: Não, espera aí, foi mal, do universo, do universo todo, é! Ou da galáxia, Maui é o grande herói, sou assim.
- Moana: O que? Não, eu...
- Maui: ah, é claro! Maui sempre dá atenção aos fãs, isso é tipo faceboock, é só curtir... sei que não é todo dia que seu herói aparece no caminho.
- Moana: Você não é o meu herói e eu não estou aqui para ganhar autógrafo. (MOANA, 2017).

Podemos ver nessa fala, que o personagem Maui, mostrado na imagem abaixo é muito arrogante



Ele chega até a pensar que Moana poderia estar ali por idolatria a ele, mencionando uma suposta ideia de heroísmo, que são comuns nesses filmes, homens representando heróis, mas ela deixa claro, desde esse momento, não está para brincadeira, nem o idolatra e, dessa forma, já começa a desconstruir a ideia de heroísmo masculino no filme. Conforme Fernandes (2015):

As modificações que envolvem o sujeito feminino no cenário social, estimulam a invalidação de muitas das restrições feitas à mulher, por ocasião do seu gênero, fazendo com que atitudes por muito tempo indevidas a uma heroína de contos encantados, ganhassem espaço como o diferente e o moderno na construção do perfil da mulher contemporânea (FERNANDES, 2015, p. 62-63)

Diante das palavras da autora, percebemos que Moana vai de acordo com esse pensamento, ela mostra atitudes que em representações mais clássicas não podiam ser vistas, principalmente em relação às figuras masculinas do filme, mais precisamente Maui. Ele tenta intimidar Moana e quando ela menos espera, de forma trapaceira, ele foge com seu barco, deixando-a trancada em uma caverna, alegando que não viajaria com uma garota. Ele subjuga a capacidade de Moana, que de forma muito sábia consegue fugir e retomar ao seu barco. Ao retomar o barco, ela finalmente consegue se apresentar e mostrar o coração de Te Fite a Maui, dizendo, que o dever do mesmo é restaurá-lo. Ele mostra receio, primeiro por ser machista em não querer viajar com uma mulher e, segundo, por ter medo da pedra que a garota carrega e esse é o primeiro momento que a protagonista mostra-se mais corajosa e destemida que Maui.

No decorrer da viagem eles enfrentam uma batalha com uma espécie de piratas e, de forma covarde Maui tenta fugir deixando Moana sozinha para enfrentar os ladrões e resgatar o coração que estava em posse deles, de forma corajosa a garota enfrenta-os e pega a pedra, surpreendendo Maui que admite ficar impressionado com a coragem da jovem, mas pouco tempo depois volta a subjugá-la dizendo que os feitos dela não eram suficientes para terminar a jornada. Moana de forma sábia admite que não conseguirá sozinha, mas juntos eles conseguirão, entre esse e outros argumentos ela o convence de ser seu companheiro de jornada e assim, seguem. Isso nos faz pensar na equidade de gêneros, uma vez que, Moana

não descarta a presença masculina, e sim demonstra que as coisas podem funcionar muito bem quando homem e mulher se juntam de forma igualitária em prol de um objetivo. Nesse sentido, Moana apresenta aspectos da mulher inteligente que sabe argumentar para convencer os que a rodeiam, ela busca realizar seus desejos de forma sabia e consciente.

Seguindo viagem, Maui volta a questionar a capacidade de Moana se negando a ensiná-la a navegar, alegando que ela não possuía caráter de aventureira e sim de uma princesa e, nessa cena, é mostrado um diferencial em relação aos filmes clássicos, pois ela não aceita ser chamada de princesa. Eis o excerto abaixo das falas das personagens:

- Maui: Tem que ser aventureiro, princesa, não se trata só de navegar.
- Moana: Olha, eu não sou princesa, eu sou a filha do chefe.
- Maui: Mesma coisa.
- Moana: Não.
- Maui: Se está de vestido e tem um bichinho de estimação, é uma princesa, não é uma aventureira, nunca será aventureira (MOANA, 2017)

Ao citar as roupas de Moana e um bichinho de estimação, Maui evidencia o imaginário de princesa que é passado há anos, subentende-se que se é delicada, frágil, usa vestidos e cabelos arrumados, é uma princesa. Esse comentário torna-se machista primeiro por rotular e, segundo, por entender que se uma mulher apresentar tais aspectos citados, ela se torna incapaz de competir com um homem, de exercer as mesmas funções que ele.

Maui, ao rotular Moana como princesa, tenta convencê-la que não é capaz, ou seja, com isso, ele deseja passar a ideia de que ela é frágil e não irá conseguir aprender seus ensinamentos. Portanto, esse personagem carrega um pouco das características que a Disney impõe aos seus personagens masculinos, principalmente quando diz respeito aos príncipes, ou seja, eles são, de certa forma, machistas por não aceitarem lutar ao lado de mulheres, e egoístas por não desejarem dividir a glória, para assim serem consagrados heróis sozinhos. Esse é o pensamento machista que vem sendo apresentado há anos, no que diz respeito aos personagens masculinos nos filmes da Disney, mesmo diante de pequenas inovações nas representações femininas.

Isso nos leva a acreditar que só as mulheres estão lutando por mudanças, por novas representações, no que diz respeito ao seu papel social. As mulheres estão mudando, estão mais ativas, se impondo cada vez mais e os homens continuam sendo representados de maneira arcaica, preconceituosa, estão sempre buscando se impor, pelo menos no que diz respeito as representações masculinas na condição de príncipes. Podemos perceber, com isso, que as mulheres através de suas lutas históricas, estão conseguindo conquistar seu espaço e as

recentes produções nos mostram o papel da mulher empoderada com mais acuidade e reflexão.

2.2.2 Moana: a construção de uma nova beleza

O cinema tem potencial de rever e transformar conceitos estabelecidos pela sociedade, principalmente, no que se refere a mulher. “Mesmo na contemporaneidade e após os movimentos de libertação feminina, é notório que a sua representação midiática ainda possui aspectos como beleza e sexualização em foco” (ROCHA e BARFKNECHT, 2017, p.07). Os referidos autores abordam que o mito da beleza reside no conjunto de atitudes desejáveis para uma sociedade, ou seja, essa beleza imposta pela mídia vai além dos atributos físicos.

De forma implícita, ou muitas vezes explícita, a mulher contemporânea ainda está presa a padrões de beleza inalcançáveis que são impostos, na maior parte das vezes, pelas mídias. Cada vez mais, é valorizada a magreza, cabelos e pele impecável e isso aprisiona a mulher, uma vez que, é exigido muito da beleza feminina, seja no mercado de trabalho, seja no meio social ou, até mesmo, no ambiente familiar. É dito que a mulher é livre para fazer suas escolhas, mas é ao mesmo tempo, imposto um padrão, o qual ela deve seguir. Esse quesito é muito cobrado e de grande importância para o mercado de trabalho, pois constatamos que inúmeras empresas que contratam mulheres, muitas vezes, o fazem apenas por possuírem boa aparência, ou seja, que atendam a certos “quesitos” de beleza.

No entanto, apesar dessa cobrança em torno da beleza feminina, vemos outro contraponto. Produções escritas, assim como filmicas, estão investindo na representação de um novo modelo de mulher, não aquela que segue regras para se enquadrar em determinado padrão, mas a mulher autônoma que se realiza a partir das suas próprias qualidades. Ao que se refere a esse tema, Fernandes (2015) afirma que:

A mulher dos contos tradicionais sempre foi apresentada como dotada de uma beleza singular e arrebatadora do olhar social. Sendo essa beleza construída como um padrão rígido e inalterável. Nos contos atuais, a beleza física continua ocupando um importante espaço dentre os conflitos vivenciados pelo sujeito feminino; no entanto, sua exposição tem focado mais na problemática entre supervalorização da forma em detrimento da essência desse sujeito, questão essa recorrente no imaginário coletivo contemporâneo (FERNANDES, 2015, p. 30)

De acordo com a autora, na atualidade, a mulher está sendo apresentada com aspectos físicos que conversam com a realidade. Essa mudança no aspecto da beleza é visto em Moana,

já que a personagem foge totalmente do padrão eurocêntrico, já tão valorizado e mostrado em outras personagens clássicas. Moana possui cabelos ondulados, desalinhados, pele escura e apresenta corpo robusto, o qual anula o aspecto referente à ditadura da magreza. Suas vestimentas também são diferenciadas, elas remetem a cultura de seu povo, não mais vestido longo e recatado, pois veste saia e blusa curta. Podemos ver essas características na imagem.



A partir das características elencadas anteriormente, ver-se que há uma desconstrução do ideal de beleza propagado no filme, já que a personagem em questão ressalta a leveza e a liberdade em seus atributos físicos. O que não ocorre com as princesas tradicionais, que em razão das regras impostas pela sociedade devem se submeter a vestimentas apertadas, cabelos presos, comportamentos exageradamente recatados, ou seja, vivem constantemente desconfortáveis, presas e limitadas. Como vemos na imagem de *Cinderela* abaixo.



Desconstruindo esses ideais de beleza trazidos pelas clássicas, Moana traz todos os aspectos que ainda não tinham reunido em uma única princesa, ela é a concretização de várias tentativas de mudanças feitas pela Disney, já que, a empresa apresentou, antes *Merida* (2012) com um corpo não tão magro, cabelos cacheados e ruivos e quando criou *Tiana* (2009) a primeira princesa negra, mas mesmo assim, apresentava aspectos tradicionais. Mesmo não sendo magra com cabelos diferente, *Merida* dá continuidade à soberania das princesas brancas, por possuir pele clara e *Tiana* quebra esse rótulo, por ser negra, mas fisicamente

possui os traços tradicionais dando continuidade a magreza das princesas clássicas. Sendo assim, essas princesas citadas só apresentam um aspecto físico revolucionário.

Diferentemente delas, Moana revoluciona, uma vez que, junta todos os aspectos que a Disney fragmentou em outras princesas. É possível identificar nas imagens abaixo a diferença entre as personagens citadas.



Dessa forma, Moana não revoluciona e quebra paradigmas apenas com atitudes e aspectos internos, mas também, com os externos, que são alguns dos traços mais revolucionários que esse filme traz, comprovando assim a diferença e autonomia dessa personagem. É importante essa quebra de padrões, principalmente referente à beleza, que o filme traz, pois de forma implícita torna-se mais uma ferramenta para a aniquilação da ideia de beleza ideal, que como já dito, foram impostos por outros filmes de princesas.

2.2.3 Rompendo tabus: “princesas” não são frágeis

O aspecto da fragilidade é um dos primeiros diferenciais que o filme traz e um dos que mais chamam atenção, que é o fato da protagonista não aceitar o rótulo de princesa, pois assim, ela tem que permanecer “presa” na ilha para governar seu povo e privar-se de conhecer outros lugares. Deste modo, como já mostrado aqui, ela vai contra a vontade do seu pai e renuncia a seu “posto” de princesa governante e parte em sua aventura. Nesse aspecto, a personagem vai de encontro ao pensamento de Breder (2013) que ao citar Simone de Beauvoir afirma:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela

deixa de ser um parasita, o sistema baseado na dependência desmorona (BEAUVOIR, 1967, apud BREDER, 2013).

E nesse sentido é quebrada a dependência feminina que existia na personagem e é dado lugar a independência. O filme mostra uma protagonista independente forte e valente, dando assim continuidade às tentativas da empresa de ressignificar os papéis de gênero, essa questão é muito presente em Moana, já que ela possui autonomia e põe em prática as questões de igualdade de gênero, já que, é muito frequente encontrarmos homens sendo heróis de histórias, estando sempre à frente de batalhas e salvando seus povos. Em Moana isso é modificado quando a protagonista assume o papel de heroína e vai sozinha em busca de soluções para salvar o seu povo, partindo, de início, sem o apoio nem o auxílio de uma figura masculina. Ela, nesse aspecto, mostra-se autêntica e dona do seu destino mostrando mudanças de paradigmas na representação das personagens femininas destruindo o protótipo de mulher/princesa como símbolo de fragilidade.

Como já dito, a protagonista sempre é questionada por Maui, já que desde o princípio ele se mostra machista e não aceita a companhia de uma mulher para viajar com ele pelo oceano, e ao aceitar essa companhia ele a todo momento tenta se sobrepor e menosprezar Moana, rotulando-a como princesa e como já mostrado aqui a personagem não acata essa ideia, pois o rótulo de princesa soava como pejorativo às ações que praticava e os desejos que almejava.

Em uma das cenas do filme, Maui ironiza a coragem de Moana, dizendo que não entende o porquê do oceano tê-la escolhido para uma ação tão nobre. Eis o trecho que nos mostra esse momento:

- Maui: Então filhinha do chefe, você não devia estar na aldeia, cuidando dos bebês e tal? Eu só estou tentando entender por que o seu povo resolveu enviar, sem querer ofender, você?
- Moana: Meu povo não me enviou, foi o oceano.
- Maui: O oceano? Faz sentido. Uma criança, que não navega, que escolha.
- Moana: Ele me escolheu por uma razão.
- Maui: Se o oceano é tão esperto, por que não devolveu ele próprio o coração de Te Fiti? Por que não trouxe meu anzol? O oceano deve estar bem louco. Mas isso não tem nada a ver com você, você é a escolhida.
- Moana: O oceano te escolheu por uma razão.
- Maui: Se você for cantar avisa para eu sumir. (MOANA, 2017)

Podemos ver na fala de Maui o quanto ele questiona as verdades contadas por Moana, e que ele tenta compará-la às princesas tradicionais. Quando ele pergunta se ela não devia estar na aldeia cuidando dos bebês, nos leva a entender que, de forma sarcástica, tenta

associar a figura feminina aos cuidados domésticos, que são julgados mais fáceis e de única função da mulher. Esse personagem é a prova de que, na atualidade, o machismo ainda está presente na mídia, mesmo que de forma implícita. Mais uma vez é ironizada a referência as princesas, quando ele fala que se a protagonista for cantar avise para ele sumir, sabemos que é comum às princesas cantarem e esse aspecto é usado por Maui de forma irônica como mais uma tentativa de rotular, Moana.

Concretizando a desconstrução do patriarcado no filme, Moana mostra-se encorajada e consegue provar a Maui o quanto é segura, superando seus medos e suas limitações cada vez que é desafiada por ele. Portanto, a personagem possui os aspectos elencados por Fernandes (2015).

As novas princesas se assemelham às mulheres da contemporaneidade, com posicionamentos cada vez mais distantes dos transmitidos pelas tradições literárias. São princesas mais independentes, que lutam pelos seus interesses e não mais esperam passivamente pelos seus companheiros. Essas heroínas refletem até certo ponto e em muitos aspectos a imagem da mulher moderna que, está cada vez mais envolvida com novas práticas de comportamento e escolhas pessoais, como por exemplo, novas formas de percepção estética e de relacionamentos sociais, práticas estas comumente associadas à construção da identidade feminina. (FERNANDES, 2015, p. 12)

Referente as palavras da autora, evidencia-se que Moana atende a essa nova representação da mulher na contemporaneidade, pois a personagem é fruto da construção de uma nova identidade feminina. Na contemporaneidade, é valorizada também aspectos relacionados a inteligência da mulher e isso está muito presente na personagem, pois é a sua inteligência que a faz enfrentar os obstáculos e, de certa forma, persuadir os “opressores”. Essa ideia pode ser vista em alguns momentos do filme, quando ao chegarem em Te Fiti, pela primeira vez, Maui admite admiração pela inteligência da protagonista e pelos seus feitos.

- Maui: Eu já entendi... O velho oceano adorava quando eu puxava ilhas, porque os seus ancestrais cruzavam os mares para encontra-las... Tantas novas terras, novas vilas, era a água que conectava tudo. E se eu fosse o oceano, acho que eu procuraria uma garota, não princesa, para reiniciar isso.
- Moana de Motunui, admito que você oficialmente fez o Maui cruzar o grande oceano... Moana, Moana, Moana, ela é demais. (MOANA, 2017)

Nessa fala fica evidente a conquista pelo respeito e admiração adquiridos por Moana, Maui reconhece sua capacidade e revela não considerá-la uma princesa. Essa parte nos leva a pensar se ela fosse uma princesa aos moldes clássicos talvez não tivesse conquistado o que almejava, pois lhe faltaria coragem, destreza e perspicácia. Por ser apenas uma garota que não se enquadra nesse protótipo de princesa, Moana consegue transcender as fronteiras de

submissão que lhe são impostas. Essa cena nos remete também as conquistas alcançadas pelas mulheres ao logo do tempo, do reconhecimento dos seus feitos e de suas capacidades. Maui reconhece as qualidades da jovem dando a entender que também a escolheria para uma jornada. Assim, podemos considerar que,

Os filmes de princesa também permitem observar a evolução do papel das mulheres. Da donzela resgatada por um príncipe idealizado à aventureira que não quer se casar. Da dona de casa à dona de seu próprio restaurante. Da moça que vai ao baile até a moça que vai à guerra.” (BREDER, 2013, p.64)

Nas palavras de Breder (2013) é evidenciada a inovação da representação da mulher no filme *Moana: um mar de aventuras* (2017) essa nova representação faz referência a independência feminina, no que diz respeito à quebra da ideia de “princesa indefesa”, enaltece a figura feminina, apresenta um novo ideal de beleza e inova na questão amorosa apresentada no filme. Essas questões de mulher independente e emancipada, detentora de poder são evidenciadas na segunda parte da música “saber quem sou” cantada por Moana e já mencionada nesse trabalho.

Quem eu sou?
 Eu sou a filha de uma ilha
 E o mar chama por mim, de longe
 E o meu povo eu devo conduzir
 Com o passado eu aprendi
 Esse legado mora aqui, me invade
 Tanta coisa eu tive que enfrentar
 Encarei meus medos
 E o que eu tinha mesmo que aprender, na verdade
 O que sou, esse instinto
 Essa voz, já faz parte
 Do que me atrai nessa minha vontade
 Com você junto a mim posso ir bem mais longe
 Eu me encontrei, agora eu sei
 Eu sou Moana!

É evidenciado na música o descobrimento da capacidade, do poder, da força que ela possui para conseguir o que almeja. É nessa parte do filme e cantando a referida música que Moana vai realmente se descobrir como mulher empoderada, na parte em que ela diz que deve conduzir seu povo. Isso destitui o poderio masculino, já que por muito tempo, o homem que era capaz de grandes feitos. Ela se descobre (*Eu sou Moana!*) mulher, capacitada, corajosa e independente, assim percebe que pode conseguir sem Maui, que não necessita da presença dele (homem) para seguir jornada e concretiza a independência feminina nas cenas finais do filme. Sendo assim, ela segue sem a presença de Maui, decidindo que vai restaurar o coração

de Te Fit sozinha e assim segue, mais uma vez, para Te Fiti. Lá, ela descobre que Te Ka (o monstro) na verdade é a deusa Te Fiti, então restaura o coração e desfaz a maldição que ameaçava seu povo. Com o feito, Moana é aclamada por Maui e pelo seu povo, principalmente por seu pai, quando ela retorna a Motunui. Com essa volta, ela realmente torna-se líder do seu povo e da continuidade as navegações, buscando lugares novos e novas descobertas.

O que é bastante relevante nessa passagem do filme, refere-se à altivez da personagem em desbravar sozinha o mar em busca de um objetivo, tornar-se independente e salvar o seu povo. Além de se estabelecer como dona de seu próprio destino, e lutar em prol da coletividade, ainda superou limites antes proibidos à mulher. Nesse aspecto, o filme inova e comunga dos ideais defendidos atualmente em razão da busca pela igualdade de gênero no meio social. Portanto, Moana, quebra de inúmeras formas a ideia de fragilidade, ela é representante da autêntica mulher moderna, que batalha pelos seus ideais, enfrentando, preconceitos e tabus concernentes ao sexo feminino. Ela é o resultado de muitas lutas femininas e, por isso, ela ressignifica o conceito de gênero.

Ainda sobre o aspecto da questão feminina no filme, o que nos chama a atenção também é o fato de Te Fit ser representada na figura de uma mulher como podemos ver na imagem.



Essa personagem se assemelha com a deusa Papa (Papatuanuku), que é a deusa mãe-terra na mitologia maori, elas possuem essa semelhança por serem responsáveis pela criação da vida. Essa personagem torna-se interessante, pois toda a jornada da heroína acontece em prol da restauração dessa figura, como já dito, ela é representante da deusa mãe da criação, já que no filme ela possui esse poder. Isso nos faz pensar na possibilidade dessa personagem fazer referência à era matriarcal, uma vez que, os papéis de lideranças do filme são exercidos por mulheres, Moana e ela, e com isso desconstrói o olhar patriarcalista em torno das relações

sociais. Os homens, nessa produção fílmica, de certa forma, estão propensos a aceitar as considerações femininas. Enquanto Maui reconhece as habilidades de Moana, Tui, após o retorno da filha, aceita sair e desbravar os mares colocando-a a frente das navegações.

2.2.4 Princesa sem príncipe: novas representações do amor

O referido filme apresenta um ponto alto, que é o que o diferencia dos outros filmes de princesas feitos pela Disney que tiveram grande repercussão em termos de público. Essa diferença diz respeito a questão amorosa, que é um dos atrativos e motivo de encantamento do público com os filmes de princesa, ele não possui uma história romântica, sendo assim, Moana é uma princesa sem príncipe.

A Disney em outros filmes como Merida (2012)⁴ já havia feito tentativas de mostrar filmes de princesas sem príncipes, no entanto acabava tratando da questão, mesmo que em segundo plano, não havia o total desprendimento do tema, nessas produções. Com Moana, essa temática voltada para o amor romântico é totalmente inexistente, em momento algum do filme é possível ver a protagonista esboçando desejo relacionado ao casamento ou a presença de um príncipe, ela é apenas uma garota que deseja se aventurar pelo oceano. Alcança um final feliz sem necessariamente passar pelo matrimônio. Na verdade, descontrói-se o mito de que a mulher precisa de um homem para assegurar-lhe a felicidade. Podemos pensar que a ideia de casamento não ocorre no filme, pois não seria de interesse de nenhuma das partes, Moana não precisava de um cônjuge, já que seus objetivos não faziam referência a isso, também não é mostrado interesse da parte de Tui para que a filha casasse, já que o filme não traz ideia de casamento como “negócio”. E Maui também não menciona essa possibilidade, sendo assim, é descartada de todas as formas a possível ideia de uma idealização romântica no filme. Breder (2013) pontua:

“Antes da revolução feminista, a figura masculina era toda a estrutura de que as mulheres poderiam dispor. O casamento ainda era o destino certo para todas as ‘filhas de família’; as mulheres precisavam de um homem que as ‘protegesse’.” (GOMES, 2000, p. 165). Prost acrescenta que: o casamento marcava a emancipação dos filhos, permitindo-lhes escapar dos pais (PROST, 2003, p. 79). Não é surpresa então que as princesas de antes da década de 60, como moças de família, necessitem de um homem (GOMES, 2000, PROST, 2003. Apud, BREDER, 2013, p.49).

⁴ No filme Valente (2012), existe essa tentativa de mostrar uma princesa sem príncipe, Merida não aceita casar, ela luta contra as vontades de sua mãe e desmoraliza seus pretendentes, tornando-se assim, uma princesa que não casa. Mesmo sem a princesa terminar casada, o filme traz essa temática do casamento, faz referência ao casamento em diversos momentos.

Referente às palavras de Breder, fica concretizada essa quebra de estereótipos trazidos por Moana, ela, diferentemente das princesas clássicas, não precisou de um casamento para obter independência, nem para enfrentar as opressões feitas por Tui, conquistou seus objetivos sem buscar auxílio em um casamento, dissipando a ideia de que o casamento é essencial para se obter um final feliz. Referente a isso, Moana e Maui constroem apenas laços de amizade formando, assim, uma dupla de aventureiros, dessa forma, não é possível ver nesse filme o amor tão característico dos filmes de princesa, o amor mostrado aqui é diferenciado, pois retrata a paixão por um ideal, eles constroem um laço de amizade que ajuda Moana a conquistar o seu sonho.

Portanto, Moana é a prova de que a representação feminina na atualidade revela mudanças sociais relacionadas aos valores das mulheres perante a sociedade. As mulheres estão conseguindo desconstruir a ideia de inferioridade feminina e se impuseram como líderes de suas escolhas e atitudes, conquistando assim, condições igualitárias as dos homens. Diante desse pensamento, percebemos que as novas princesas Disney, rompem os estereótipos atribuídos às mulheres, pois se apresentam com discursos e atitudes modernizadas e acabaram tornando-se reflexos das conquistas femininas. Moana, então, atende as demandas da sociedade atual trazendo uma nova proposta para a representação feminina, mostrando que a mulher está definitivamente conquistando espaços, liberdade de escolha e libertação de padrões impositivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propusemos analisar a representação de princesa que a Disney traz na atualidade tendo como foco o filme *Moana: um mar de aventuras* (2017), com o intuito de percebermos as mudanças a respeito do papel da mulher evidenciado na protagonista. Dessa forma, tínhamos como objetivo analisar a ressignificação da imagem de princesa e de como isso está interligada a imagem da mulher do século XXI.

Atendendo ao nosso primeiro objetivo, Moana mostra aspectos inovadores no que diz respeito à imagem de princesa, sendo que essa ideia é tratada de forma diferenciada pela personagem, uma vez que a mesma não aceita ser rotulada como tal, por essa ideia ser associada à fragilidade e isso é quebrado nas ações da personagem, uma vez que ela traz exitosas mudanças ao mostrar-se forte, corajosa, independente e dona do seu próprio destino. Diante desses adjetivos, foi possível constatar que a personagem vai além de uma princesa, ela configura-se como heroína/guerreira. Pudemos ver em nossa análise ainda que a personagem fosse a todo o momento questionada e submetida a imposições masculinas, sendo que ela mostrou um diferencial nesse quesito: Moana não se submete as vontades de ninguém, sendo assim ela mostra-se transgressora, vai contra a vontade de seus “superiores” e conquistou lugares antes ocupados só por homens, a exemplo de quando ela torna-se chefe do seu povo e passa a ser a primeira mulher a ocupar esse posto.

Esses elementos de mulheres decididas e que lutam por reconhecimento social presentes na personagem estão associados aos anseios da mulher moderno-contemporânea, uma vez que pudemos ver que Moana busca a liberdade de escolha, a mesma luta e mostra que só ela poderia saber e escolher onde seria seu lugar, mostrando, dessa forma, aspectos de emancipação feminina, uma vez que se realiza sem se deixar oprimir por aspectos machistas. É essa imagem que podemos ver nas mulheres da atualidade, sendo elas livres e emancipadas. Dessa forma, obtivemos êxito no nosso segundo objetivo, já que Moana mostra-se uma representante da mulher contemporânea. Esses atributos presentes na personagem Moana, atendem satisfatoriamente a nossa hipótese.

Pudemos constatar também como um dos resultados de nossa pesquisa a inovação referente à beleza da personagem, ela reúne aspectos que ainda não tinham sido vistos juntos em uma “princesa”. Por ser negra, ter cabelos levemente cacheados, não possuir a magreza, característica forte das princesas, nem suas vestimentas fazerem referência à imagem clássica. Dessa forma, Moana quebra os padrões de beleza engessados nas personagens trazidas pela

Disney e representou mais uma vez, as mulheres contemporâneas, libertas de padrões, que não precisa se encaixar em nenhum padrão para ser feliz.

Outro aspecto que constatamos e que atenda a nossas expectativas foi a respeito da temática amorosa, que como pudemos ver em nossa análise é inexistente no filme, sendo que Moana e Maui mantem laços apenas de amizade, em momento nenhum essa ideia “romantizada” é mencionada no filme, o amor que os personagens constroem principalmente Moana, é por um ideal para conquistarem algo maior. É evidenciado assim através da personagem, que na contemporaneidade, a mulher não precisa de um ideal romântico para atingir a felicidade. Portanto, essa personagem concretiza mais um passo dado no que diz respeito à criação de princesas que fogem ao tradicional. Moana ressignificou a representação da mulher nas princesas Disney sendo condizente e atendendo os anseios de uma sociedade moderna, em que mulheres não são frágeis e submissas.

Vimos que Moana enquadra-se perfeitamente nos quesitos trazidos pelas princesas contemporâneas, sendo que ela foi além. Por ser independente, fugiu aos padrões de beleza desejáveis aos olhos da sociedade e aniquilou o romantismo característico entre príncipes e princesas. Moana representa a força feminina e a busca por igualdade consolidou-se heroína, sendo a mulher que sabe que seu lugar é onde ela quiser, uma vez que pode ocupar os cargos que desejar, realizar diferentes tarefas em diferentes áreas, dessa forma essa personagem traz aspectos de igualdade de gênero, mostrando que homens e mulheres podem exercer as mesmas funções de forma excelente, sem que percam seus espaços na sociedade, nem sejam menosprezados. Portanto, essa personagem, possui mudanças significativas referente à representação feminina, refletindo assim, o papel da mulher na sociedade vigente, na qual, é imposta a identidade feminina desconstruindo de forma significativa a desigualdade de gênero.

Sabemos que as inovações da Disney não param por aqui, principalmente no que diz respeito à representação feminina, esperamos que sigam representando mulheres fortes e destemidas, assim como Moana, que essas representações busquem cada vez mais enaltecer a figura feminina de forma que contribua para a luta por igualdade e reconhecimento. Almejamos com essa pesquisa termos contribuído com a criticidade a respeito da imagem da mulher nessas representações mostradas pela Disney e que em breve possamos estar analisando outras figuras que atendam a outras demandas e pretensões das mulheres.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eveline Lima de Castro. **A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação do Papel Social da Mulher**. Natal, RN, 2015.

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. Rio de Janeiro, 2013.

CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**. Vol. II, Cap. 4, 2000.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORI, M. (org.) e PINSK, C.B. (coord.) **História das Mulheres no Brasil**. 10ª Ed, São Paulo: Contexto, 2011.

FERNANDES, Luiza Helena Praxedes. **Princesas em evolução: a construção da identidade feminina nos contos de fadas do cinema de animação contemporâneo**. Pau dos Ferros, RN, 2015.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos. O significado das funções femininas nos contos de Perrault**. Ed. UNESP. São Paulo – 2000

MOANA: UM MAR DE AVENTURAS. Direção: John Musker, Ron Clements e outros. Produção: John Lasseter. Intérpretes: Auli'i Cravalho, Dwayne Johnson, Rachel House e outros. Roteiro: Jared Bush, Ron Clements e outros. Música: Opetaia Foa'i e Mark Mancina. Estados Unidos da América: Walt Disney Animation Studios, 2017. 1 DVD (107 min), widescreen, color.

MONTESANTI, Beatriz. **Por que a 'cultura das princesas' ainda é um problema para as meninas**. Nexo Jornal, 2016. (Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/29/Por-que-a-%E2%80%99cultura-das-princesas%E2%80%99-ainda-%C3%A9-um-problema-para-as-meninas>)

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** — São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

ROCHA e BARFKNECHT. Róbson Peres; Taíse Souza. **A jornada de Moana: representação feminina na pós-modernidade**. – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. Educação e realidade. Porto Alegre, vol.20, n° 2, jul./dez. 1995, pp.71 – 99.

SOARES, Livia Maria Rosa. **A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti**. Santa Cruz do Sul, 2015.

TILIO, Rafael de. **Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas**. – Gênero. p. 125-148. Niterói, 2014.